

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º à entrega
Portugal (franco de porte. m. forte)	3800	1900	650	120
Possessões ultramarinas (idem)...	4000	2000	—	—
Extrang. (união geral dos correios)	5000	2500	—	—

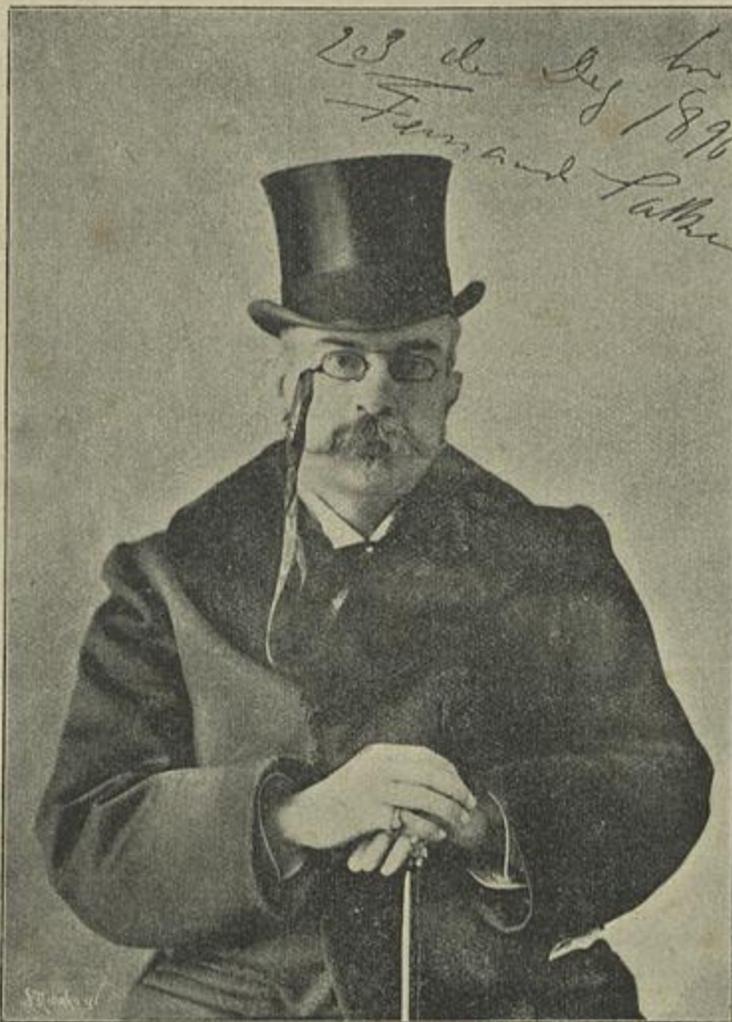
20.º Anno — XX Volume — N.º 658

10 DE ABRIL DE 1897

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.



FERNANDO PALHA

FALLECIDO EM 10 DE MARÇO DE 1897

(Cópia de uma photographia)

FERNANDO PALHA

Eu não sei escrever biographias e, quando o soubesse, o nome, que define sobre a terra uma individualidade, tem direito a mais do que a inutil enumeração de archiologicas tradições e honras sociaes, com que se inebriam e enfeitam as mais vulgares vaidades mundanas.

Nascido nobre e rico, Fernando Palha atravessou, rapidamente, esta vida, em curta existencia de quarenta e seis annos, e foi academico, vereador, deputado, grã-cruz...?

Creio que sim. Poderia ter sido mais, para isso lhe sobravam merito e talento; se houvesse sido menos, porém, nem a sua bella intelligencia perderia a menor das brilhantes qualidades, nem se apagaria o mais tenue raio de luz do seu espirito superior e bom.

Ao pobre corpo, agora gelado e inconsciente,

que jaz além na encosta do cemiterio, e ao meu espirito, hoje vivo e inquieto, que ha de em breve extinguir-se, tambem, no seio da eterna natureza, liga-os, ainda n'este momento, um laço mystico e saudoso. Fômos amigos fraternaes.

Em longos annos de trabalho em commum, na convivencia diaria da mais intima amisade, tive variados ensejos de apreciar as qualidades raras d'aquella complexa individualidade. Se a expressão é permittida, apanhei-lhe a physionomia da alma em movimentos, simples e ingenuos, d'aquelles que não são preparados para a grande scena do mundo.

Nas confidencias mais intimas e sinceras reconheci as justas intenções do seu elevado espirito; no qual, ás vezes, o excesso de boa qualidade, ou de generoso sentimento, se transformou em grave defeito. Em poucos homens, de facto, como em Fernando Palha, se poderá estudar esta singular

aberração animica, de que as organizações apaixonadas e ardentes, impellidas pela apparencia seductora de inflexível logica, são presas fáceis e, em geral, victimas certas.

Para mim, confesso, a sepultura não apaga os vicios de vida impura e maculada. A morte, muitas vezes, consegue, apenas, affogar as qualidades perversas da alma humana na vil podridão da materia. Sem duvida, a caridade manda que os sentimentos adversos parem silenciosos, ao menos, á beira do tumulo; a justiça, porém, pode descer os degraus...

Atravez da pedra sepulchral, como se fôsse crystalina, o nosso espirito deve contemplar engrandecidas as qualidades boas dos que á terra entregaram o misero corpo, e deixar que as lagrimas sinceras e generosas, dos que soffreram e perdoaram, lavem as culpas d'aquelles a quem o bondoso e puro Christo cobriu, amorosamente, com uma das mais bellas phrases, que existem em lingua humana:

Aquele d'entre vós, que estiver sem peccado, atire-lhe a primeira pedra.

Nas minhas cogitações melancholicas, ao de leve inquinadas d'aquella mysanthropia que nos traz o correr dos annos e a dolorosa experiencia da vida, tenho, repetidas vezes, investigado os caracteres bem definidos, que distinguem, com verdadeira nitidez, o homem da serie infinda dos animaes creados. Esta rigorosa definição era facil aos olhos da antiga philosophia; complicouse, porém, quando a sciencia moderna demonstrou a creação evolutiva dos seres, desde a simples cellula até ao maravilhoso typo do animal humano. N'este ultimo termo da serie da vida, parece que a natureza esgotou as poderosas forças creadoras, legando ao homem a sublime missão de continuar a grande obra da perfectibilidade infinita.

Ora, se as formas intermedias, que out'ora preencheram as lacunas, reconhecidas hoje pela propria sciencia na evolução dos seres, desappareceram por effeito de cataclysmos, difficeis, aliás, de comprehender e ainda mais de explicar; nas outras revelações os animaes, mais superiores na escala e mais proximos de nós, manifestam actos de intelligencia e de consciencia, que são, pelo menos, verdadeiros rudimentos das qualidades psychicas do homem.

Onde encontrar, pois, essa linha mysteriosa, que separa a alma animal — perdoem-me a heresia — da alma humana, tão complexa, tão perfeita, tão divina, que as gerações passam, e não de passar, esperando e implorando sempre para o ethereo ser o dom da eternidade?

Qual é a suprema qualidade, que nos levanta acima do animal e dentro da propria especie, em tão differentes hierarchias nos classifica e nos engrandece?

Qual é a esplendida virtude, que ao homem nascido das mesmas forças naturaes, deu o direito de se considerar a ultima palavra eloquente da creação, e na alma humana impremiu profunda aspiração pela liberdade na terra e pela eternidade no Ceu?

O principio da justiça.

Essa qualidade tão singular, parecendo pura e simples como um raio de sol, mas que, passando atravez do coração, se decompõe, tambem, como a luz em espectro de mil cambiantes de ideias e de sentimentos.

O amor sublime da justiça, o seu culto incessante e respeitoso, eis a linha divisória — ia escrever o abysmo — que separa a alma humana do esboço animico do animal, eis a qualidade que define sobre a terra as grandes individualidades, dando-lhes o relativo quilate e o verdadeiro valor.

Pois bem, Fernando Palha era um espirito justo; e quem diz justiça diz bondade. A fortuna, a educação e a posição social haviam-lhe, apenas, infiltrado alguns defeitos.

A lucta, a adversidade e o trabalho obrigado acrisolam o caracter humano, destruindo-lhe, a pouco e pouco, imperfeições e tendencias animaes. Depois, a melancolia, invadindo o espirito do luctador, traz consigo a philosophia, talvez a resignação, como doce companheira inseparavel. Desde que abriu os olhos, Fernando Palha tinha visto sempre a vida a sorrir-lhe, era bem natural, bem humano, que lhe correspondesse ao amoroso sorriso. Tinha ancia de viver e desejo de gozar. Como lhe deve ter custado morrer...

Não era, porém, um simples mundano. A sua natureza artistica, o seu espirito vivo e penetrante, a que excepcional cultura apurára as faculdades, exigiam-lhe, imperiosamente, emoções, que a fortuna lhe facilitava.

Em Coimbra, onde apenas nos avistámos, era muito estudioso, casára e vivia concentrado n'uma bella quinta, perdida entre a verdura do pittoresco valle do Cidral. Em Lisboa, depois, durante longo tempo, lendo, pensando e escrevendo, viveu recolhido na sua esplendida bibliotheca.

E, comtudo, quando na solidão estudiosa enriquecia a intelligencia, mais o affagava, talvez, o desejo da admiração d'esse mundo de grandezas e de honras, do que o prazer, sereno e inefavel, de alargar os horizontes do espirito. Os sabios estudam para saber; os outros para mostrarem quanto sabem...

Este defeito secundario, mais nascido do meio que o influenciára, do que da propria natureza, confessava-o elle na intima convivencia.

Depois de acalorada discussão, não violenta, porque jámais as tivemos, terminei uma vez por lhe chamar *vaidoso*.

O esplendido olhar de Fernando Palha, firme, sagaz e ligeiramente ironico, que, nos bons tempos de saúde, brilhava atravez das suas lentes de myope, fixou-me durante alguns instantes.

— E tu? disse, emfim, sem contestar a affirmação?

— Eu? também o sou, talvez... mas por outra forma, respondi.

Espirito justo, coração bom, como tenho encontrado poucos.

Um dia, não me esquecerei jámais, estivemos durante horas sós e silenciosos, trabalhando em um gabinete da camara municipal. Abalado por grande desgosto e illaqueado por sérias difficuldades, creio que, leve e involuntariamente, deixei transparecer a intima magua. Fernando Palha seguia-me com mal disfarçada attenção, sentia-lhe por vezes o olhar investigador, porque ha olhares que se *sentem*.

Vi-o levantar, indeciso e tremulo; deu alguns passeios ao longo da sala e, por ultimo, parou em frente de mim. Encarei-o serenamente. A physiognomia de Fernando Palha, alegre e bondosa, transformára-se, adquirindo a expressão de suave melancolia. Nos seus olhos, repletos de humidade, tendia a formar-se a primeira lagrima. A voz, em geral, forte e rude, teve, então, modulações delicadas.

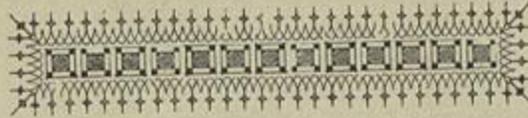
— Espero, disse-me, que terás contado comigo. Não me impressionou tanto a offerta, como a forma, delicada e amorosa, d'aquelle sincero movimento de amizade. Era o seu natural.

*
*
*

Generoso, energico, intelligencia robusta, caracter firme e bondoso coração, tal era aquelle que se chamou Fernando Palha.

A doença, terrivel e insidiosa, que o prostou no tumulo, de ha muito, talvez, lhe minava a existencia, enfraquecendo-lhe o espirito com prematura velhice. Quantos actos illogicos dos ultimos annos da sua vida poderão explicar-se pela acção, lenta e mysteriosa, de um amollecimento cerebral? .. Deus o sabe.

Augusto Fuschini.



CHRONICA OCCIDENTAL

Colhido de surpresa para escrever a chronica d'este numero, na curta ausencia do chronista que, com tanto brilho, occupa este logar, vou pressuroso aproveitar a timida luz que a Companhia do Gaz vende aos seus infelizes consumidores, na perspectiva de uma nova grêve de gazomistas, que ameaça de uma concorrência demasiado pratica as trevas que se hão de fazer por essas egrejas de Lisboa, desde quarta feira santa até sabbado de Alleluia.

N'este tempo de liberdades plenas estão no seu direito os gazomistas em quererem explorar a Companhia, pela mesma razão que a Companhia já explora o publico.

So assim deixará de ser uma figura de rhetorica a Liberdade, Igualdade e Fraternidade, entrando n'um caminho pratico que pôde ir longe, muito mais longe que o ponto que o Conselho da Academia de Bellas Artes de Lisboa, escolheu para o concurso da cadeira de pintura historica: *Tullia passando no seu carro por sobre o cadaver de seu pae!*

Para achar um cumulo de ambição não era preciso ir tão longe, remontar a epochas tão distantes da Roma pagã, porque as Tullias e até os Tullios são de todos os tempos; são de hontem, são de hoje, serão de amanhã.

Imagine o illustre conselho academico que tinha dado para ponto do concurso, o novo ministerio do sr. José Luciano, passando por sobre o cadaver do ministerio cahido, do sr. Hintze Ribeiro.

Como tornaria muito mais pratico o concurso, com personagens historicos tão conhecidos, cujas similhanças o bom burguez saberia avaliar sob a influencia das oleographias que tem na sua sala de meza.

O sr. José Luciano transformado em Tullia era muito mais apreciado que a ambiciosa filha do decrepito Servio Tullio, que fez suar sangue ao sr. Salgado para conceber na mente toda a crueldade d'aquelle coração de ferro.

Foi certamente sob a impressão d'esse esforço que o talentoso concorrente se lançou ao vermelho e ao almagre para pintar a sua tella, desprezando até o desenho e a perspectiva com a mesma indifferença com que a desnaturada romana desprezou o cadaver de seu pae.

Foi indifferença de mais pelo seu laureado nome, sr. Salgado!

De mais, o quadro d'este professor ao lado do de Columbano, faz um contraste diabolico entre o esbrazeado vermelho infernal do primeiro e os plumbios vapores avernosos do segundo.

Todos já sabem isso como todos conhecem e admiram o talento de Columbano. Não é um colorista, nem a correção do desenho e da perspectiva o preocupam, muito menos se lhe dá de acabar as suas obras. A figura principal do quadro, Tullia, empolga logo o espectador, e firme na sua immobibilidade de estatua esqueceu-se que estava sobre o plano oscillante de um carro em movimento.

Obra de um jacto, cheia de talento, de individualidade inconfundivel, coisas que são d'elle e que elle não pôde ensinar.

Defrontando com o quadro de Salgado lá estava o quadro de Condeixa, não se sabendo bem se é a Tullia que vae passar por sobre o cadaver do auctor dos seus dias, ou se é a diligencia do Carregado que parte para Alemquer. Muito pintadinho. Suave como uma briza, frio como o orvalho, não parece obra de um peninsular que vive sob este ceu quente.

D'aquelle massa é que elles se fazem, ouvi eu dizer a um burguez defronte do quadro do sr. Gallardo, e eu concordando plenamente com esta opinião fui-me safando pela porta, deitando um ultimo olhar á Tullia do Columbano, que ainda lá estava firme, calcando sob as rodas do seu carro o pobre velho, que parecia o Sapo de Victor Hugo.

Mas não se diga que Lisboa está falta de manifestações da arte, muito mais consoladoras que as manifestações socialistas que vão deitando as mãosinhas de fóra, nos varios comícios operarios que tem havido por esses quintaes.

A manifestação de que trato foi no salão da Trindade. Um concerto dedicado á memoria de Carlos Gomes, pela Real Academia de Amadores de Musica. Um concerto de primeira ordem, como o são sempre os d'esta Academia.

Tenho ainda nos ouvidos as notas vibrantes de uma garganta privilegiada; o duetto do Guarany, cantado pela distincta amadora a ex.^{ma} sr.^a D. Ida Blanc e o sr. Franco de Castro, um distincto amator do Porto. Os applausos resoaram em toda a sala, as flôres cobriram o palco. Desde a tribuna real, onde as magestades assistiram, ao concerto, até ás ultimas cadeiras da sala, o enthusiasmo vibrou como uma só corda tocada pela mesma mão.

Outro attractivo teve ainda este concerto e foi o reaparecimento, em publico, de Antonio de Andrade, que uma impertinente doença de ouvidos tem trazido retirado da scena lyrica, ha mais de cinco annos.

Foi outro triumpho para o querido artista, que cantou tambem um trecho do Guarany, com todo o colorido da sua bella voz.

N'esta charneca da vida consola encontrarem-se momentos em que reconhecemos alguma coisa de sobre humano n'este mundo de misérias. A arte é que principalmente pôde proporcionar alguma d'essas felicidades, ora contemplando as suas obras, ora escutando os seus poetas, quer na palavra quer na musica.

Quando morre algum d'esses cultores da Arte, morre um bemfeitor da humanidade. Recordar a sua memoria é sempre um acto de gratidão e foi o que a Academia dos Amadores de Musica fez, não se esquecendo de Carlos Gomes.

Não esqueçamos tambem um artista, que o era na verdadeira accepção da palavra, Leandro Braga, o grande esculptor em madeira, que a morte arrebatou do seu atelier, quando elle se preparava para principiar um novo trabalho para a ex.^{ma} sr.^a Duqueza de Palmella. Uma morte repentina, talvez a que menos custa á victima, mas a que mais surprehende e magoa os que ficam.

Se podesse servir de consolação ao morto a manifestação de saudade e respeito que um numero cortejo de amigos e admiradores foi prestar junto do inanimado artista, elle descerraria os labios mudos n'um sorriso agradecido como quem lhe não roem os remorsos de ter sido um inutil n'esta vida.

Ahi o estão a attestar innumeradas obras suas em estabelecimentos do Estado e em casas de particulares, transluzindo em todas ellas o talento do seu auctor.

Mas não param aqui as noticias tristes, e agora temos a registrar um crime, uma desgraça que victimou dois homens, um que foi para o tumulo, outro que foi para o carcere.

O acontecimento deu-se em Bellas, entre o sr. Malheiros, pharmaceutico d'aquelle terra, e o sr. barão de Castro Silveira, medico que ali estava a arez. Os dois, que andavam em desintelligencia por causa de uma receita do medico que o pharmaceutico não quiz aviar por estar errada, encontraram-se dentro do carro que traz os passageiros para a estação do caminho de ferro, e ali estabeleceram conflicto, de que resultou o pharmaceutico receber dois tiros de revolver, um no ventre e outro na cara, que o medico lhe disparou, morrendo o ferido poucas horas depois.

E aqui está como por tão pequeno agravo se desgraçam dois homens, indo um para as mãos do cozeiro e outro para as mãos da justiça.

E como se não bastasse esta desgraça, outra veio tambem almar os espiritos; a de uma explosão na fabrica de polvora em Corroios, pertencente á firma Francisco Carneiro & Commandita, sendo os socios commanditas os srs. Bensaude, Bacellar e Freitas, Ferreira Marques e Fonseca, e Souza Lara & C.^a Esta fabrica foi inaugurada no verão do anno passado e occupava a area de cerca de 1 kilometro.

A explosão deu-se na officina das galgas, onde se moia o enxofre, salitre, nitro, etc., e deve ter sido consequencia de algum attricto mais violento que produziu fálscia n'uma galga.

Dos dezenove operarios que trabalhavam na fabrica, morreram logo 5 e ficaram gravemente feridos 4.

Irrisão da sorte! Uma das victimas que morreu logo foi o operario João dos Santos, que tinha por alcunha o *Cautella*.

Os feridos vieram para o hospital de S. José, onde se acham em miseravel estado, parecendo que serão impotentes todos os esforços da sciencia para os salvar.

Por muito que a sciencia progrida, mais lhe resta que vencer, e ao passo que em cada dia se fazem descobertas e se discutem questões scientificas, ainda não se achou meio de restaurar órgãos essenciaes á vida, que uma doença ou um desastre damnificaram.

E comtudo nunca se trabalhou tanto como actualmente para debellar tantos males que affligem a pobre humanidade.

Ainda ha pouco reuniu em Veneza um congresso

so medico em que tomou parte brilhante um nosso compatriota, o dr. Souza Martins, uma gloria da sciencia e uma gloria portugueza.

Das duas secções em que se dividiu o congresso, foi dada ao dr. Souza Martins a presidencia de uma d'ellas, honra altamente significativa onde se reuniram sumidades medicas dos paizes os mais adiantados.

O dr. Sousa Martins honrou o seu paiz mais uma vez no estrangeiro; a classe medica fez lhe uma manifestação digna offerecendo-lhe um banquete de cento e tantos talheres, no hotel Braganza.

Foi uma festa deslumbrante, em que tomaram parte 134 collegas de Souza Martins.

Ao *Champagne*, c. dr. Manuel Bento de Souza, em nome da classe medica, fez um brinde a Souza Martins, em linguagem facil e colorida do humorismo do seu espirito superior. A este brinde correspondeu Souza Martins com a eloquencia que todos lhe reconhecem. Muitos outros brindes se seguiram feitos pelos srs drs Bombarda, Zophimo Pedroso, Pitta, Carlos Tavares, Eduardo Burnay e Cunha Belem, o que a todos agradeceu Souza Martins.

A sala de meza parecia um jardim, tantas eram as flores e os arbustos que a ornamentavam; na sala immediata o sexteto Quilez tocava escolhidas musicas.

Consoladora festa, como consoladoras são as noticias que vem da campanha dos namarraes, que felizmente chegou ao seu termo com novo prestigio para a auctoridade portugueza em Africa. Desappareceram os receios que havia por esta campanha, graças á boa direcção que Mousinho de Albuquerque deu ás operações.

Estabeleceram-se os postós militares e ficaram garantidas as relações do commercio, no paiz dos namarraes. Em compensação as noticias de Gaza não são tão lisongeiras. Umas revoltasinhas de alguns regulos obrigaram a um movimento de forças militares de que ainda se não sabe o resultado, havendo comtudo noticia de ter partido para Lourenço Marques, Mousinho de Albuquerque, para d'ahi seguir ás terras de Gaza.

Uma noticia de sensação chega á ultima hora. Lisboa, que ha dias andava suspensa sob o concurso do theatro de S. Carlos, pôde respirar.

E' sempre uma questão magna, esta do concurso para a opera lyrica e que até já chega a ter as honras de ser resolvida em conselho de ministros, como qualquer nota diplomatica das potencias ou algum novo monopolio das pontas de cigarros.

O conselho de ministros pronunciou-se pela proposta Paccini como a que offerecia mais garantias, deixando a perder de vista o charuto do sr. Freitas Brito, pelo que os *diletantis* poderão contar na futura epoca lyrica com grandes melhoramentos na sala de espectáculo, o mesmo preço nas recitas extraordinarias que nas de assignatura e duas operas novas, pelo menos, com o respectivo guarda roupa, scenario, etc., etc.

Emquanto isso não chega vamos ter uma companhia lyrica no theatro de D. Amelia, que se estreiará em sabbado de Alleluia, e as diversas revistas que estão fazendo turor na Trindade, na Rua dos Condes e na Avenida.

Dos Colyseus só um está funcionando, o da rua Nova da Palma, com uma companhia de cavallinhos, que se estreiou no sabbado 3 do corrente, e que todas as noites chama a concorrência do publico, sempre bem disposto para aquelle genero de espectaculos.

Até lá ha um ventriloquo que intriga os espectadores com os seus bonecos fallantes, levantando altas questões de sciencia astronomica.

Um dos bonecos, muito galhofeiro, pergunta se a lua é habitada, ao que o sr. Martin responde affirmativamente.

Elle, porém, duvida e volta:
— Se a lua é habitada, onde se mettem os habitantes quando é quarto minguate!

Lynce.

O QUADRO DA MIZERICORDIA DO PORTO

O celebre quadro que se admira na sala das sessões da meza da Santa Casa da Misericórdia do Porto, e que tão viva discussão tem levantado não só sobre o auctor d'essa magnifica obra de arte, como acerca dos personagens que n'ella figuram, refere-se indubitavelmente á instituição das Misericórdias em Portugal.

Primitivamente collocado na capella de S. Thiego do claustro velho da Sé portuense, só d'alli foi transferido para o local onde actualmente se encontra, quando em 1559, segundo se vê do antigo

compromisso, se construiu na rua das Flores a actual igreja da Santa Casa, e edificio annexo.

Foi sempre, e em todas as epochas tão desconhecido o valor artistico d'esse quadro, que nem nos inventarios antigos, nem nos modernos, se faz a menor menção d'elle!

Quem primeiro escreveu a respeito do mencionado quadro, foi o padre Luiz de Souza Couto, cartorario paleographo da Santa Casa, que deixou uma monographia manuscrita, que existe na secretaria da mesma Santa Casa.

Em consequencia, porém, dos limitados conhecimentos artisticos d'aquelle illustrado ecclesiastico, deu elle como auctor da pintura, o fallado artista viziense Grão Vasco ou Vasco Fernandes, asserção de todo o ponto erronea, pois é por todos reconhecido que o quadro foi pintado no estrangeiro, pertencendo sem duvida á escola flamenga. Ainda em um exame muito recentemente realisado á madeira em que a pintura foi feita, se verificou ser ella carvalho do norte.

Depois do padre Luiz de Souza Couto, muitos estrangeiros e nacionaes se tem occupado do notavel quadro e ainda agora, em discussões suscitadas, com louvavel empenho, se tem accentuado a discrepancia de opiniões sobre o seu auctor ou auctores e os personagens n'elle representados.

Ao passo que um escriptor attribue o quadro aos Van Eick que estiveram em Portugal de 1428 a 1430, referindo mais que a figura do monarcha que n'elle se vê é a de D. João I, outro quer que a pintura seja de Gerard David van Oudewater (hollandez) e finalmente um terceiro affirma que a parte superior do quadro é de Bernardo Van Orley e que o rei n'elle representado é D. Manoel.

Esta ultima opinião pertence a um cavalheiro que de ha muitos annos vem procedendo a investigações historicas e artisticas a respeito do quadro e que ainda ha pouco, em uma palestra realisada na secretaria da Santa Casa, a pedido do respectivo provedor o sr. dr. Paulo Marcellino, deu conta do resultado dos seus estudos, resultados que ha mezes elle havia depositado, devidamente lacrados e sellados, na redacção do *Commercio do Porto*.

Refiro-me ao sr. Cherubino Lagôa, cartorario paleographo da Misericórdia, hoje aposentado, e apreciabilissimo amator de bellas-artes.

A meu parecer, é este quem melhor e mais racionalmente tem estudado a questão, e quem mais se approxima da verdade relativamente ao auctor ou auctores do quadro.

Começando pelos personagens que n'elle figuram, testifica o sr. Cherubino Lagôa que os monarchas que alli se veem ajoelhados são D. Manoel, que instituiu a irmandade da Misericórdia do Porto em 1502, e D. Leonor, irmã de D. Manoel e viuva de D. João II, que em 1498 fundára a de Lisboa.

Como prova d'estas opiniões o sr. Lagôa cita trechos do insigne chronista Damião de Goes e de frei Luiz de Souza, apresentando tambem a photographia de uma das portadas de um dos livros chamados na *Letura Nova*, publicado por Alexandre Herculano na 2.ª edição do *Roturo da viagem de Vasco da Gama á India*, em que se vê o retrato coevo, de D. Manoel e no qual á parte as incorrecções de desenho d'aquelle illuminura, ha certamente grandes pontos de similitude com o do quadro de que nos estamos occupando.

O sr. Lagôa cre igualmente ter descoberto na referida portada os retratos do principe D. João e do infante D. Luiz, filhos de D. Manoel.

Diz tambem o sr. Cherubino Lagôa, que os principes que se veem ajoelhados ao lado de D. Manoel, são seus filhos D. João, D. Izabel, D. Beatriz, D. Luiz, D. Fernando, D. Affonso, D. Henrique e D. Duarte e que o chapéu de cardeal collocado no chão, em perspectiva d'estes dois ultimos personagens, demonstra a qualidade, que ambos tinham, de cardeaes.

Que ao lado da rainha D. Leonor, se veem as aias e demais damas do seu serviço.

Que o prelado que figura no retabulo, é o arcebispo de Lisboa D. Martinho da Costa, cuja presença era indispensavel em cerimonia tão importante como a da instituição das Misericórdias em Portugal.

Que os personagens que se distinguem por detraz d'este, são os treze irmãos com que começou a funcionar a Misericórdia de Lisboa, sendo sete nobres e seis plebeus, numero symbolico dos treze apóstolos. (A photographia, por incompleta, não deixa bem distinguir esses treze individuos, que aliás se veem perfeitamente no quadro original.)

Que entre esses treze irmãos se nota o provedor, tendo aberto, na mão, um livro, decerto os evangelhos.

Finalmente, que do outro lado da cruz se veem treze personagens, um dos quaes na opinião d'elle Lagôa, é Van Orley, o pintor a quem attribue parte do quadro, e os dois seguintes outros dois artistas, sendo um d'elles talvez portuguez, pelo seu typo, que o auxiliaram na execução do retabulo.

Para prova d'aquella affirmação, o sr. Lagôa apresenta a photographia do quadro existente no muzeu de Munich, «S. Norberto refutando o heresiarcha Tanchelm», no qual Wanters diz estar o retrato d'aquelle artista, retrato incontestavelmente muito semelhante ao que se encontra no quadro da Misericórdia, isto a despeito de outro retrato que se diz tambem do mesmo artista, pintado por Durer e que existe na galeria de Dresde.

As razões porque o sr. Cherubino Lagôa attribue a parte principal do quadro, Christo, a Virgem e S. João Evangelista, a Bernardo Van Orley, fundamentam-se no triptico d'este artista, existente no muzeu de Bruxellas, intitulado: «Le Christ pleuré par la Vierge et les saints».

A cabeça, expressão e attitude da figura de S. João, d'este triptico são perfeitamente semelhantes ás do quadro da Misericórdia. As figuras da Virgem e do Christo dos dois quadros, tem igualmente muitos pontos de contacto.

Ha ainda a notar que no triptico de Van Orley se veem varias damas, cujos vestuarios e toucados se assemelham muito aos das damas do retabulo da Misericórdia.

Finalmente, o sr. Lagôa, para demonstrar ainda que o quadro é, sem contestação, de artista estrangeiro, refere-se á paisagem, em cuja flora ha exemplares que não se encontram na do nosso paiz, e faz notar que o estylo das edificações que se veem nas paisagens dos quadros de Van Orley é o mesmo que apresenta as do quadro da Misericórdia.

Assim, pois, Bernardo Van Orley, que foi discipulo e amigo de Raphael Sanzio, é na opinião do sr. Lagôa, o auctor da parte superior do quadro; que a paisagem foi pintada por outro artista, talvez algum discipulo distincto, d'aquelle, e as restantes, ainda por um terceiro.

A proposito, o sr. Lagôa, referindo-se ao retrato de el rei D. Manuel, do quadro da Misericórdia do Porto, desfaz o erro existente, de se attribuir ao cazamento do referido monarcha o quadro da Misericórdia de Lisboa, que na sua opinião representa mas é o casamento de D. João II, sendo portanto d'este monarcha, e não d'aquelle, o retrato que n'elle se destaca.

Finalmente, para mostrar a grande similitude com D. Manoel e a persistencia dos traços caracteristicos da raça d'Aviz, o sr. Lagôa apresentou a photographia do magnifico retrato de D. João I, existente em Vienna.

Eis, pois, as conclusões a que chegou o erudito investigador, conclusões que de preferencia accetamos a quaesquer outras que tenham sido adduzidas, e que muito menos tem callado no nosso animo.

Convem esclarecer que no precioso archivo da Misericórdia do Porto não existe o menor documento que se refira ao mencionado quadro. Comtudo houve um livro, que desapareceu, e que era o 1.º volume de tres, de apontamentos, onde dia a dia se lançavam as notas de tudo o que se fazia, inclusive pagamentos de lavagens de roupa, etc.

Os dois volumes restantes ainda chegaram a ser salvos de uma completa destruição, pelo sr. Cherubino Lagôa, quando paleographo da Santa Casa, mas o primeiro, onde sem duvida se encontraria menção do quadro, com todos os pormenores do seu donatario, auctor, etc.; esse não se sabe que destino levou. Um antigo provedor affirmava que o referido livro existe ainda no paiz, mas se tal succede, ou se acha ignorado entre os cartapacios d'alguuma velha livraria particular ou nas mãos de quem não lhe reconhece o valor.

Porto, 30 de março de 1897.

Manoel M. Rodrigues.

A DESCIDA AO TUMULO

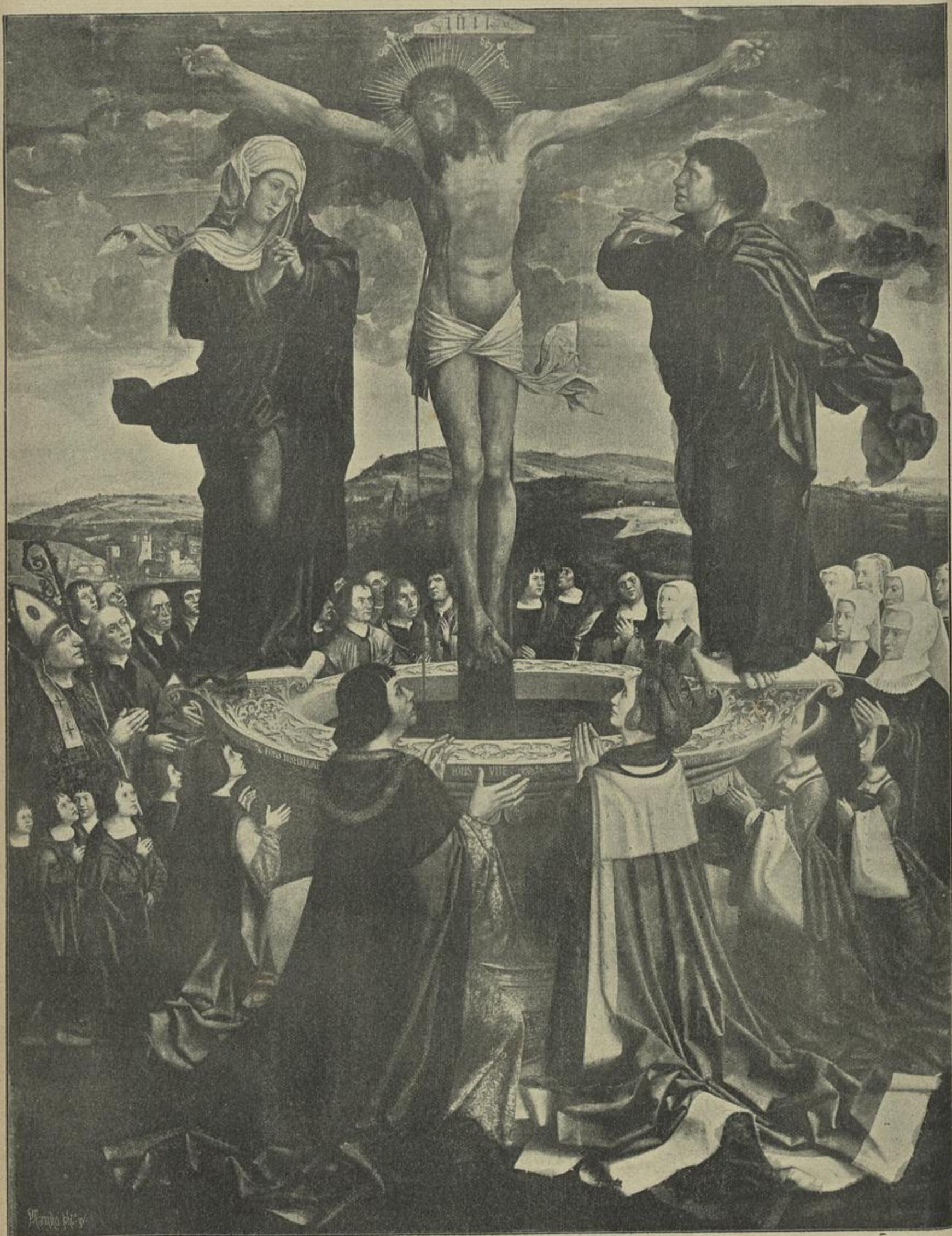
Soara a hora final do sacrificio!

Que hora aquella!

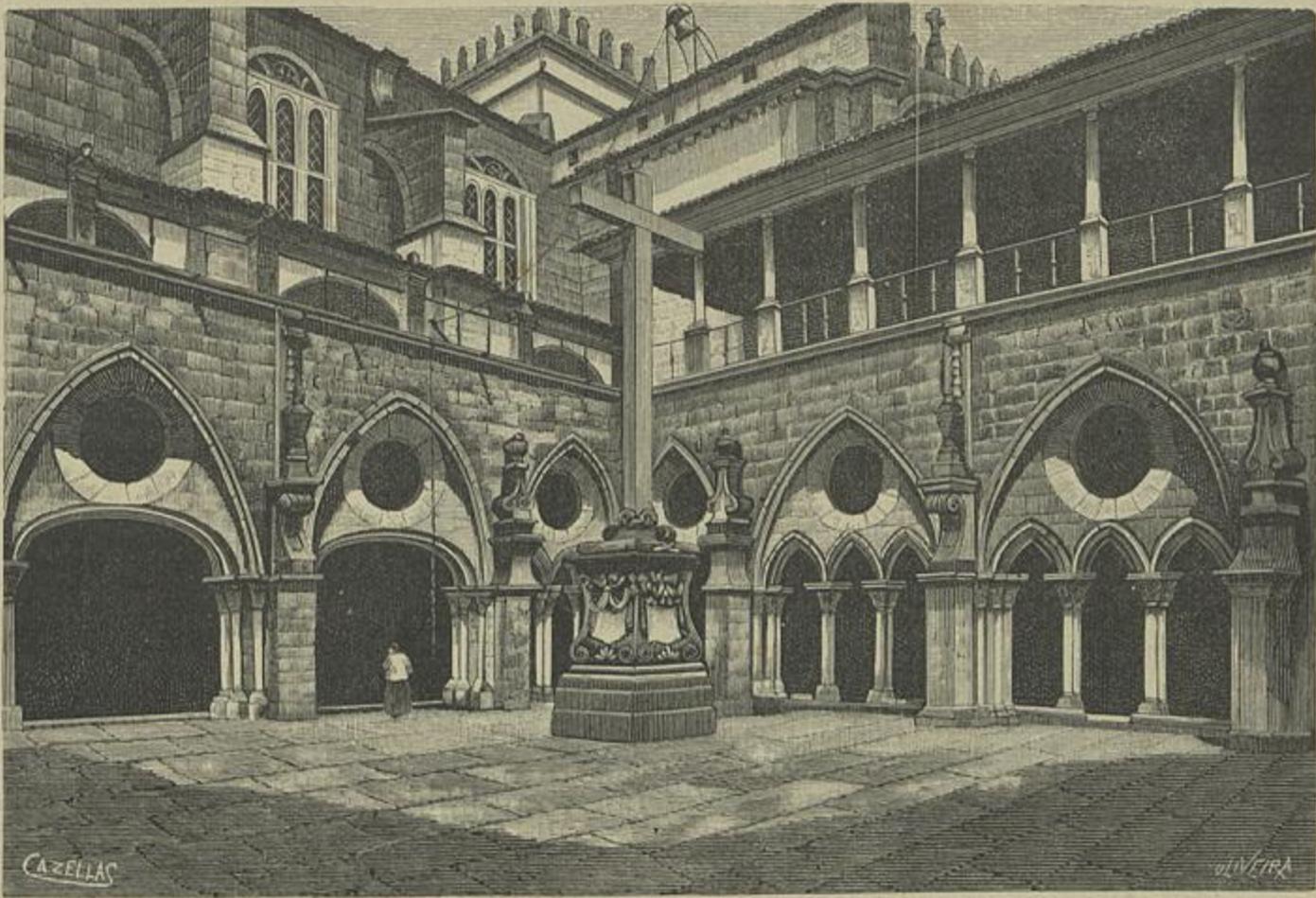
A Terra abalou se em convulsões de horror, apavorada ante o Deicidio. O Sol encobriu os seus raios luminosos entre as densas nuvens que forraram o firmamento.

Noite prematura!

Os elementos desencadearam-se, rasgando de

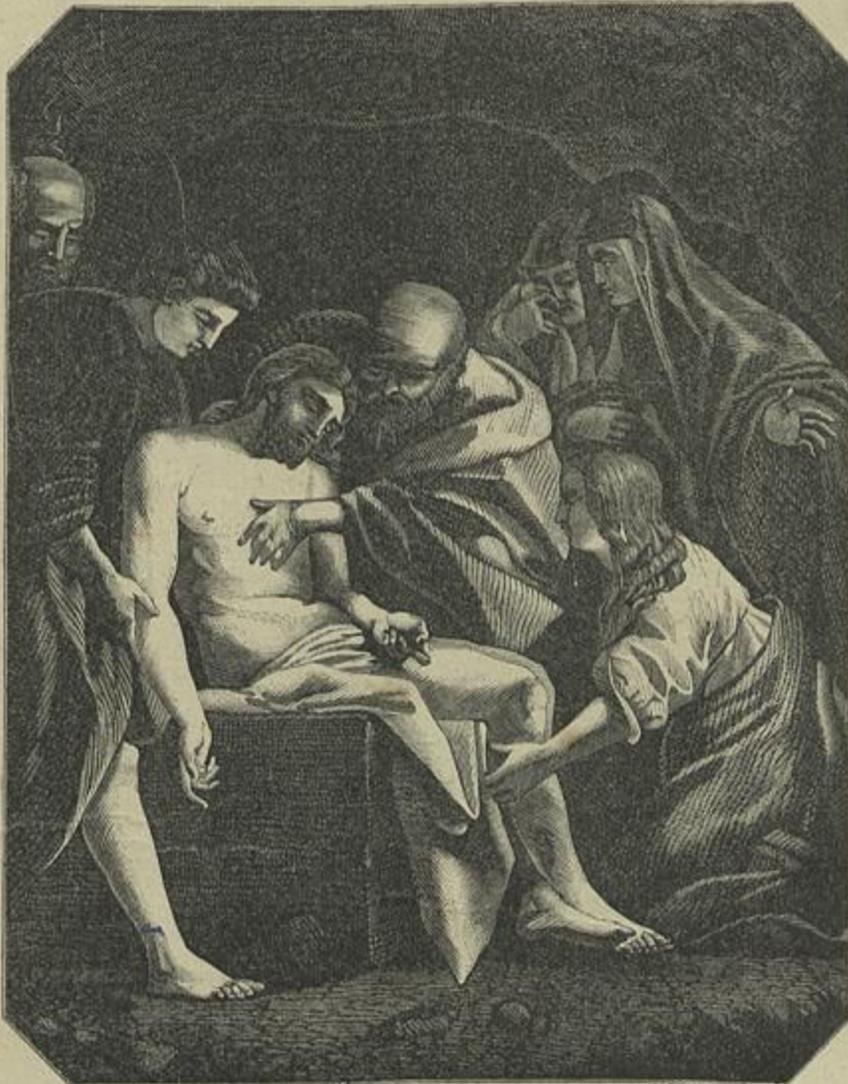


FONS MISERICORDIE, FONS VITÆ, FONS PIETATIS—QUADRO ESISTENTE NA MIZERICORDIA DO PORTO
(Cópia de uma photographia)



CLAUSTRO DA SÉ DO PORTO ONDE ESTA A CAPELLA EM QUE A RAINHA D. LEONOR
FUNDOU A MIZERICORDIA

Vid. artigo «O quadro da Mizericórdia do Porto»



DESCIDA AO TUMULO

espaço a espaço o veu negro
flechas de fogo, á luz fugitiva
das quaes se via hirta no Calva-
rio a Cruz, d'onde pendia o
corpo inanimado do Justo.

O trovão rugia, e do Ceu des-
penhavam-se jorros d'agua.
Eram gemidos da natureza que
chorava.

A idéa da justiça nasceu com
o mundo, obra de Deus; a con-
demnação do Justo, que expi-
rava no patibulo, era uma in-
justiça tão flagrante que o mun-
do estremeceu, o Ceu e a Ter-
ra bradaram

A tão grande abalo aluiram-
se as pesadas louzas e os mor-
tos ergueram-se hirtos d'entre
os gelos das sepulturas.

Do alto do Calvario avistava-
se o mundo vasto que ia de-
frontar-se com a eternidade.
Ao sopé da montanha estendia-
se Jerusalem, a cidade querida
de Deus e agora maldita, alo-
gando os remorsos do seu at-
tentado, entre as orgias dos seus
festins.

Que hora aquella!

Ao clarão dos relampagos
viam-se fugindo espavoridos os
algozes, que momentos antes
ajudaram a consumir o Deici-
dio. Fulminavam-os os remor-
sos, mais que os raios que se
cruzavam na amplidão.

O monte despovoara se e de
toda aquella horrivel scena
poucos restavam em volta da
Cruz.

Era um grupo de dôr!

Maria sustinha em seus fra-
geis braços o corpo de seu fi-
lho, de que não podia apartar-
se. As lagrimas crystalisavam-
se-lhe nas faces como gotas de
sangue que gelava; vinham do
coração dorido, quasi exhaus-

to; eram particulas do seu ser
arrancos d'alma de uma dôr de-
vorada em silencio!

Junto de Maria estava João,
concentrado em sua magoa,
contemplando absorto o quadro
que tinha ante seus mal enxu-
tos olhos.

As Santas Mulheres, prostra-
das, regavam com suas lagri-
mas a mortalha de Jesus, livi-
do, exangue.

José de Arymathea e Nicode-
mos, de joelhos, consternados
de não poderem valer a tanta
aflicção, esperavam o momen-
to de conduzirem ao sepulcho
o corpo de Jesus, como já em
seus braços o haviam descido
da Cruz.

Esse momento chegou, e ia,
enfim, a Mãe separar-se do
Filho.

Nova e mais pungente dôr
alanceia o coração da Santis-
sima Virgem!

A tímida luz das estrellas mal
rompe as trevas profundas da
noite.

O grupo caminha agora va-
goroso, em silencio cortado
aqui, acolá, por um gemido, por
um suspiro do coração que es-
tala.

Approxima-se do sepulchro,
frio e mudo, que vae encerrar o
corpo do Divino Mestre.

Que abandono! Tudo de-
samparou o Homem Deus!

As turbas fugiram espavori-
das, os discipulos afastaram-se
receiosos.

José de Arymathea e Nicode-
mos chegaram junto do sepul-
chro, conduzindo o cadaver de
Jesus. As Santas Mulheres es-
pargem balsamos sobre a mor-
talha e no interior do tumulo.

O discípulo amado, João, confrangia-se ao vêr tão dolorosa scena. A Mãe extremosissima sentia desaparecer ansiosa os ultimos momentos de vêr seu amado Filho, prestes a encerrar-se sob a lousa do tumulo.

Um ultimo grito de dôr resoou pela montanha como que repetindo o echo da pesada campa cahindo sobre o sepulchro

Depois, tudo ficou silencioso, em recolhida magua. Estava tudo acabado.

C. A.

AUTOMOBILISMO

A CARROAGEM ROSSEL

Proseguindo em darmos noticia do desenvolvimento que vae tomando o automobilismo, encontramos no nosso collega *Gazeta dos Caminhos de Ferro* o seguinte artigo, sobre a carroagem Rosel, que pedimos licença para transcrever.

Dia a dia, vae o automobilismo tomando maior desenvolvimento. Os typos dos vehiculos que empregam este systema multiplicam-se a olhos vistos, e as casas constructoras empenham toda a sua energia, estudo e boa vontade, para conseguirem apresentar ao publico vehiculos automoveis, que tenham todos os requisitos indispensaveis, taes como são a segurança, regularidade de funcionamento, solidez e economia. O automobilismo, a que chamam a *viação do futuro*, tomou, n'esta epocha, uma febril intensidade de desenvolvimento, a pontos de, até já em França, as companhias exploradoras dos serviços de viação se preoccuparem vivamente com esta questão.

Os accionistas da *Société générale de voitures* mostraram-se, ainda ha pouco, de certa forma inquietos com o apparecimento já consideravel de vehiculos automoveis; porém o relatório do conselho fiscal da *Urbaine*, sua similar, pareceu tranquilizal-os. Com effeito, n'este relatório, bastante extenso, trata-se desenvolvimento do automobilismo e da sua possível adaptação ás carruagens de aluguer, mostrando que, não tendo apparecido até hoje nenhum typo de vehiculo automovel de superior efficacia garantida, a companhia deve esperar, até que um dia elle se encontre.

Mas, por outro lado, as grandes sociedades de credito, n'esta lucta de especulação constante, parecem disputar o lançamento do *fiacre* automovel, havendo-se já fundado em 10 de fevereiro ultimo uma sociedade especial, com o titulo de «Sociedade de estudos de trensvias e carruagens automoveis», sociedade esta, em que entram o Banco de Paris, o Banco Internacional, o Comptoir d'Escompte, o Credito Industrial e a Sociedade Geral.

Como se vê, o automobilismo toma grande importancia, sendo assumpto de constantes e activos estudos actuaes.

Continuamos pois a publicar as gravuras de alguns dos mais perfeitos typos de carruagens automoveis.

Cabe hoje a vez ás carruagens *Rosset* que, por sua elegancia, solidez e primorosa construcção, se tornam particularmente recommendaveis.

As carruagens typo *Rosset* são movidas por motores systema Daimler de essencia de petroleo.

A caixa da carruagem e o motor assentam sobre um duplo *chassis*, de tubos de aço, que se communicam, servindo ao mesmo tempo de refrigeradores da agua, destinada ao resfriamento dos cylindros, aos quaes é levada por uma pequena bomba. Para cada 40 kilometros, alguns litros d'agua bastam ao aprovisionamento do vehiculo. Estas carruagens são providas de magnificas molas de grande flexibilidade, e além d'isso, as rodas são guarnecidas de bandas de cautchouc compacto, o que annulla as trepidações.

Os raios das rodas são de aço, directos nas de direcção, e directos e tangentes nas motoras, o que torna o vehiculo resistente e leve.

Além de muitas outras vantagens, teem estas carruagens a de estarem ao alcance do conductor todas as alavancas de manobra, e a de poderem fazer curvas de pequenissimo raio, e recuar, á vontade do conductor.

Cheio o reservatorio com 30 litros de essencia, é o sufficiente para um percurso de 200 a 250 kilometros.

A velocidade que estas carruagens podem adquirir, varia de 5 a 18 kilometros por hora, segundo o estado das estradas, podendo subir rampas de 10.^m.

Dois freios de grande força permitem fazer parar o vehiculo rapidamente.

Teem ainda os vehiculos *Rosset* a propriedade de serem facilmente desmontaveis, sendo a caixa fixa ao carro apenas por quatro parafusos; e este mesmo formado por duas peças.

Os carros *Rosset* obtiveram o primeiro premio no concurso de automoveis de Spa no anno passado, onde a sua elegancia, ligeireza e facil funcionamento causaram enthusiasmo.

O seu inventor (*rue des Serrazins*, 82; em Lille, França) fornece-as mediante pagamento de um terço, no acto da encomenda, e dois terços no da entrega; garantindo-os por tres mezes contra qualquer peça que não funcione bem, sem indemnisação alguma.

Os preços dos carros eguaes ao que damos em gravura é de 5:800 francos, ao qual ha que juntar 570 francos de accessorios.

ACERCA DO PRIMEIRO MARQUEZ DE NIZA

D. Vasco Luiz da Gama, quinto conde da Vidigueira, e, desde 18 de outubro de 1646, primeiro marquez de Niza, foi homem d'instrucção e gosto, e, o que é mais, amigo e protector das bellas artes e das letras, realçando com estes predicados a sua illustre prosapia e utilizando em proveito seu e dos outros os recursos da sua opulenta casa. Herdeiro d'ella aos vinte annos, por morte de seu pae D. Francisco da Gama, quarto conde da Vidigueira e vice-rei da India, occorrida em julho de 1632, tendo casado n'este mesmo anno com D. Ignez de Noronha, filha de Simão Gonçalves da Camara, terceiro conde da Calheta, capitão-donatario da ilha da Madeira, e da condessa D. Maria de Menezes e Vasconcellos, sua primeira mulher, filha de Ruy Mendes de Vasconcellos, primeiro conde de Castello-Melhor, aparentado com grande parte da nobreza, o joven fidalgo, protegido pelo berço e pela fortuna passou o tempo que decorreu desde ahi até á época da restauração patria, occupando-se já na vida de familia e no maneo do solar herdado, já nos entretenimentos proprios da alta posição que lhe cabia na hierarchia social; quebrada porém a vergonhosa e destruidora cadeia que agridoava a nação portugueza á nação hespanhola, separados os dois reinos que só unira o fatal poder das circumstancias, restituído a si e á liberdade o paiz inteiro, Lisboa em poucas horas, Portugal em poucos dias, as colonias, mal receberam a fausta noticia, tão apparente e debil, tão insupportavel e contraria aos sentimentos nacionaes era a união, apesar de sessenta annos de existencia, o descendente de D. Vasco da Gama entrou com passo firme na scena politica, pondo ao serviço dos seus compatriotas, como era de esperar, o seu zelo e intelligencia. Aproveitou-o logo D. João IV, e, decorridos só dezeseis mezes depois da revolução, nomeou-o para um dos logares mais necessarios e melindrosos, a embaixada ordinaria de França, vaga pela retirada do monteiro-mor Francisco de Mello e de Antonio Coelho de Carvalho. A 9 de abril de 1642, contando apenas trinta annos, partiu o conde da Vidigueira de Lisboa, levando por secretario Antonio Moniz de Carvalho, que já o fôra em 1641, na missão de Dinamarca e Suecia, de Francisco de Sousa Coutinho, e a 7 de fevereiro de 1646, tratados os negocios de que ia incumbido, voltou ao reino. Foi porém breve a sua ausencia de França, porque a 7 de fevereiro do seguinte anno entrou novamente em Paris, já marquez de Niza, com o titulo de embaixador extraordinario, e n'ella se deteve até abril de 1649.

Seis annos residiu portanto este nosso diplomata junto de Luiz XIII e de Luiz XIV, menor, sob a regencia de Anna d'Austria, ou, antes, do cardeal Mazarino, prestando de ambas as vezes os mais relevantes serviços á causa nacional. Tão longa permanencia na côrte de um dos paizes mais civilizados da Europa contribuiria bastante, sem duvida, para desenvolver-lhe a cultura já adiantada do espirito e a predilecção pela litteratura e bellas-arts, ao que também o estimulava o desejo de emular ou imitar a ostentação dos nobres de França, com que tractava, quer em virtude das suas funções officiaes, quer particularmente. Não era porém só aos olhos d'elles que o moço embaixador ambicionava distinguir-se; visava outrossim a enriquecer de preciosidades de todos os generos a sua casa em Portugal, e a tornar a a primeira ou uma das primeiras, para corresponder á fidalguia de seus pergaminhos e aos elevados logares que occupava e tinha fé de vir a occupar, porque aspirava sempre a novas honras e confiava em merecel-as. Nem se enganou nos seus sonhos; pois com o andar do tempo foi de-

putado da Junta dos Trez Estados, do Conselho d'Estado e de Guerra de D. João IV, e depois de D. Affonso VI e D. Pedro II, sendo principe, e um dos ministros do despacho das juntas nocturnas na regencia da rainha D. Luiza, nomeado embaixador extraordinario aos papas Urbano VIII e Innocencio X, embaixadas que não chegou a effectuar pela abstenção de relações diplomaticas em que então a Curia se conservou a nosso respeito, cedendo á pressão sobre ella exercida pelo gabinete de Madrid, um dos plenipotenciarios da paz com Hespanha em 1668, vedor da fazenda e estribeiro-mor da rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya. Pretendeu também ser camareiro-mór do principe D. Theodosio; mas não achamos vestigio de tel-o conseguido, ao que obstaria, de suppor, a tenra idade em que morreu o principe: dezenove annos. D'esta maneira servia a nação que representava com o maior luzimento, servia o seu gosto, e aproveitava o ensejo para opulentar e ornar o seu palacio em Lisboa, a igreja do convento do Carmo da sua villa da Vidigueira, a que parece tinha grande affeição e onde foi sepultado, assim como D. Vasco e os descendentes d'este, e porventura outras casas e edificios religiosos que formavam parte do seu rico patrimonio. A occasião não podia ser melhor: ajudavam-o em seu empenho o logar, centro intellectual de grande importancia, a proximidade a que ficava de Italia, Allemanha e Hollanda, a distincta posição que occupava como embaixador de Portugal, e as relações directas ou indirectas adquiridas e mantidas á sombra d'ella ou á propria, não só com os principaes homens da França, mas também com os seus conterraneos residentes em França ou espalhados pela Europa, com que tinha d'ali muito mais facil correspondencia do que se estivesse no reino.

Estimulado pois do pendor da natureza, dos acasos da fortuna, e não menos dos conselhos de portuguezes letrados, que sempre os teve familiares na cidade de Paris, o joven diplomata constituiu-se mecenas d'alguns escriptores, umas vezes em beneficio da patria, outras no seu, e, tomado da febre de colleccionador, não se poupou nem a incommodos, nem a despesas para satisfazer seus ardentes anhelos. Esse enthusiasmo durou emquanto residiu fóra do reino, e, restituído a elle, não esmoreceu, criou novas forças e mais se desenvolveu, segundo parece.

(Continúa)

Ramos-Coelho.

SCENAS DA VIDA AÇORIANA

DRAMA NO MAR

Aproveitando o silencio da noite, e vogando a remo surdo, havia bem um quarto de hora que a lancha vinha seguindo cautellosamente na sombra da costa. Por fim, junto do *Pesqueiro Raso*, parou, e os quatro remadores e o homem do leme ficaram immovels, apurando para terra os olhos e o ouvido. Mas não se via ninguem, nem se escutava o menor ruido.

A noite ia alta, serena, d'uma calma profunda; o céu estava semeado de estrellas n'um enxamear de astros palpitantes, e a Via Lactea lançava de lado a lado a sua gaze alvejante de luz sideral em formação. As rochas abruptas erguiam os vultos negros, de um corte nitido sobre a limpida transparencia do azul estrellado, e o mar, d'uma mansidão de lago, subia e descia lentamente em volta dos rochedos, sem uma franja de espuma, sem a voz das vagas, apenas com um marulhar doce, como uma caricia.

Naquella costa da Féteira, toda de grutas fundas, de arcarias prismaticas, onde de ordinario o mar entra com fracasso, estrondeando por aquelles fundos mysteriosos de caverna maritima, e comprimindo o ar que se escapa ruidosamente, fazendo repuchar a agua em jactos pulverizados, — havia n'essa noite uma larga quietação, como se o Gigante Azul descansasse do seu barafustar seguido. A lua, em quarto crescente, cahia para o horizonte, e, como uma lampada de sacrario, quasi illuminava sómente essa região affastada, lá na paz longiqua dos espaços interplanetarios. Todavia, a sua luz fina imprimia, em terra, relevo mais vigoroso a um panno de rochas, e, coando-se pelas arestas das penedias, vinha dar maior transparencia ao azul liquido do mar, de uma limpidez fria de crystal fundido, sobre que a lancha mal balouçava.

Os tripulantes continuavam a não ver nem ouvir nada: nenhuma sombra se movia, nenhum som differente cortava a chiada dos grilos elevando-se

Seus longos pios são minhas queixas;
Mas o que vale tanto queixar?
D'alma a janella fechada deixas;
E fico sempre, sempre a esperar.

Ramos-Coelho.



Recebemos e agradecemos

Mel e Pimenta (contos modernos) de Ernesto Paula Santos. Atelier Miranda. Rua Padre Nobrega—1896.

Adornado com o retrato do auctor, e illustrado com varias lithographias, este delicioso volume-sinho de contos, nitidamente impresso, encerra produções litterarias de valor.

Segundo a phrase de um seu contemporaneo e conterraneo Ernesto Paula Santos, o presente livro é um reflexo da indole sadia e travessa do auctor, em cada palpitacão, em cada phrase, a malicia, mas tenue espinho junto a rosas de linguagem.

Mel e pimenta compõe-se dos seguintes graciosos contos-sinhos finamente burlados:

Mel e pimenta —
O segredo da caixa
— Sonho de noiva
— Voltar ao passado
— O dedal — De caixeiro a socio — Beijos e rosas — Ave indiscreta — Idyllio no trem — A maior ficha — Visinha mysteriosa — Equivoco, sendo estes dois ultimos realmente encantadores.

De Ruada, poesia por Antonio Noriega Varela Lueza. Imp. de Rollan y Compañia.

Por amabilissima offerta do auctor, recebemos este poemeto premiado no certamen litterario de Mondoñedo cujo jury foi formado na Corunha pelos srs. Murguia, presidente; Pondal, Ballesteros, Novo y Martinez Salazar, vogaes.

O thema dado fora «uma poesia em gallego, descrevendo um costume do paiz», por indicacão de D. Ramon Bustello, deputado provincial por Mondoñedo—Ribadeo, que não só custeou a impressão do presente folheto, como tambem foi quem offereceu o valioso objecto d'arte que se conferiu como premio.

O auctor do poemeto *De Ruada* desempenhou-se perfeitamente do ponto do concurso, porquanto descreve com graça e naturalidade, na harmoniosa linguagem da sua terra, varias scenas rusticas, presenciadas n'uma digressão, e um baile na aldeia de Cesuras, acompanhando-as de trovas de pronunciado sabor popular que evidenciam no sr. Noriega Varela um bello talento que ora desabrocha em promettedoras flores poeticas.

Para aquelles que apreciam os verdadeiros primores da litteratura gallega, que tão bellos cultores hoje possui, aqui fica a indicacão do encantador poema *De Ruada*.

Impressionistas por José Augusto de Castro. Lisboa. Typographia de A. M. Pereira. 1896.

N'uma edição elegante nitida, em magnifico papel, publicou o conhecido editor lisbonense A. M. Pereira o voluminho intitulado: *Impressionistas*, phantasias em prosa, original do sr. José Augusto de Castro, cujo nome nos era já familiar por outros trabalhos litterarios de feição patriotica taes como *Vozes Populares*, *Echo Patriótico*, *Poesias*, *Nuens*, etc.

A bagagem do sr. J. A. Castro, pois não é das mais somenos, para breve nos promette um novo livro de versos, que será publicado com o suggestivo titulo de *Luas*.

Phantasias em prosa, o livro que temos presente, distingue-se por uma forma ligeira, como ligeiras devem ser todas as impressões segundo a classificacão psychologica. As theorias que ás vezes se revelam nos delicados pensamentos expendidos, dão a nota vaga de um scepticismo, de uma saudade. N'outras composições ha um extranho sabor indefinivel, de amor e confiança.

O *beijo sangrento* merece especial menção, como o *Crente* e outros capitulos que interessam e agradam.

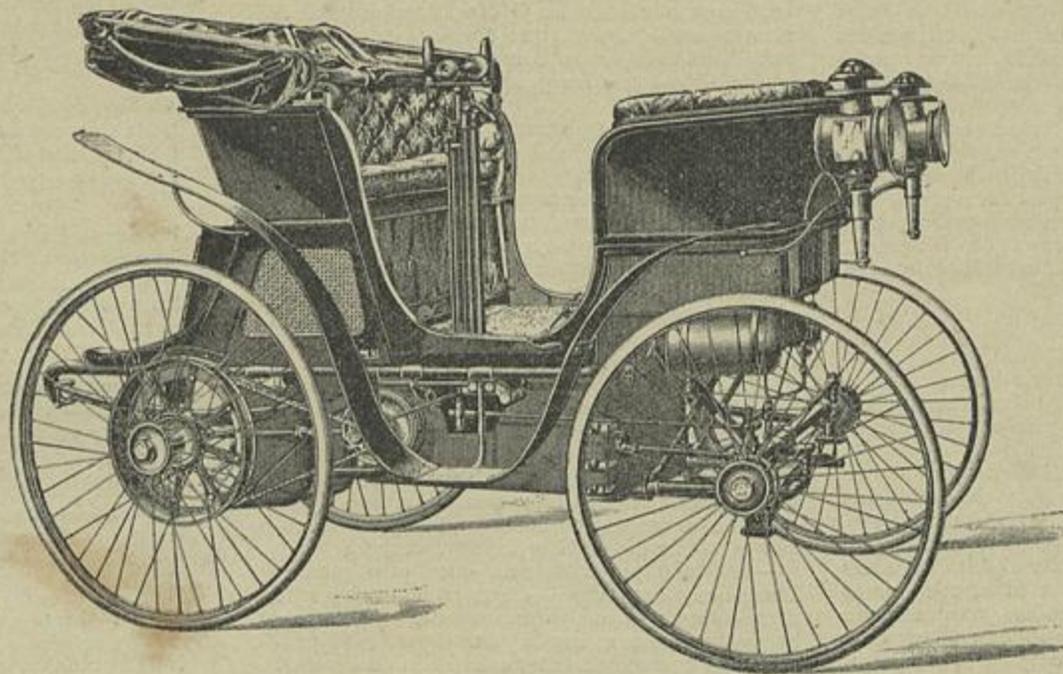
No numero passado, tivemos occasião de apresentar aos leitores um excerto de tão suggestivo livro.

As *Impressionistas* devem, pois, fazer longa carreira.

Servindo a Patria—Lithographia Portuguesa, S. Lazaro, 429. Porto. 1896.

Recebemos este folheto, em formato maximo, dedicado ao ex.^m sr. João A. de Brissac das Neves, Ferreira, homenagem prestada pelos seus amigos do Porto.

AUTOMOBILISMO



CARROAGEM ROSSEL.

Acompanha o folheto, um magnifico retrato do sr. Neves Ferreira, e além das *Palavras de Concordia* que precedem o texto principal do folheto contem as varias noticias e informacões publicadas, em tempo, pelos jornaes e que são favoraveis á politica do sr. commissario regio da India.

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa 15.^a serie n.^o 5 e 6. Imprensa—Nacional 1896.

De tão patriotica aggremação scientifica, temos recebido regularmente o seu importante boletim, no qual já hoje se encerra grande numero de notaveis trabalhos de subido alcance, crescido agora com os presentes.

O summario do n.^o 5 é o seguinte:

Commemoracão do quarto centenario da partida de Vasco da Gama para a India por o visconde de Soveral; *Brevs apontamentos para a historia politica do Fozza*; *As lanchas canhoneiras das recentes operacões de Lourenço Marques* (communicacão feita á Sociedade de Geographia, em sessão de 3 de fevereiro de 1896) por Vicente Almeida d'Eça; *A Madeira e o dr. Douglas* (memoria dirigida á Sociedade de Geographia) por Guilherme Telles de Menezes; *O Inhampallada. Cartas geographicas e topographicas, gravadas ou manuscritas* conservadas na bibliotheca publica de Evora por Gabriel Pereira; *Finances coloniales*, por Tito de Carvalho; *Vasco da Gama et la découverte de l'Océanie*, carta de Luciano Cordeiro a Mr. Luiz Vidart, da Academia de Historia de Madrid; *Bibliographia*, etc. *America austral*, O n.^o 6 contem cartas escriptas da Ame-

rica, nos annos de 1882 a 1883 pelo nosso mallogrado amigo e illustre extinto A. Lopes Mendes, sendo esta a terceira parte.

Quarto centenario do descobrimento da India. Hymno, letra de Fernandes Costa. Musica de Augusto Machado. Lithographia da Companhia Nacional Editora Lisboa.

A presente composicão poetica é mais uma brilhante affirmacão do fecundo e vigoroso estro do illustre poeta sr. Fernandes Costa, cuja patriotica inspiracão se não deixa um só instante de confirmar em produções valiosas e notaveis.

O *Hymno do centenario* é dedicado ao sr. conselheiro Ferreira do Amaral, illustre presidente da commissão executiva do centenario.

Gazeta dos Caminhos de Ferro, de Portugal e Hespanha, 1 de abril de 1897. Director L. Mendonça e Costa.

Publicou-se o n.^o 223 d'esta conceituada revista contendo o seguinte summario deveras interessante:

Do norte ao Sul.—A nossa carta da Belgica.—Parte Official.—Taras vasias.—Serviço para Thomar.—Automobilismo.—Notas de viagem.—Valle do Corgo.—Estatisticas.—Parte financeira.—

Caminho de ferro de Guimarães.—Novo tunnel em Lisboa—Viagens circulatorias.—Excursões.—Linhas do ultramar.—Publicações recebidas.—Linhas portuguezas—Linhas hespanholas.—Linhas estrangeiras.—Avisos de serviço.—Arrematações.—Casas recommendadas.—Agenda do viajante.—Anuncios.—Horario em 1 de abril de 1897.—Vapores a sahir do porto de Lisboa.

UMA VISTA DA REGOIA

Com respeito a esta gravura publicada no ultimo numero do OCCIDENTE devemos dizer que é copiada de uma outra publicada no *Douro Illustrado*, magnifica edição dos srs. Magalhães & Moniz conceituados e vireiros editores do Porto, e não copia de uma photographia, como se disse.

A Direcção.

A CAMPANHA D'AFRICA

CONTADA POR UM SARGENTO
EDIÇÃO POPULAR

Illustrada com 40 gravuras retratos dos heroes da campanha, vistas de terras d'Africa, combates, etc

Preço 300 réis, pelo correio 320 réis

Com uma linda capa de percaline, 500 réis

Segunda edição

PEDIDOS Á EMPREZA DO OCCIDENTE
LARGO DO POÇO NOVO

LISBOA

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.
Preço da capa e encadernação 1200 réis.

Pedidos á Empresa do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo—Lisboa

O OCCIDENTE acha-se á venda em Paris na livreria Boyveau & Chevillet—Rue de la Banque, 22—(Près la Bourse).

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Typ. de A. E. Barata Rua Nova do Loureiro, 25 a 39